



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições de Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 405 (50 reis)
Semestre 230 (300 reis)
Um ano 360 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactel Barbosa

Numero avulso \$01 (10 reis)

O CONGRESSO DO FERROL

Realiza-se no fim deste mês um congresso internacional, operário e revolucionário, contra a guerra.

Os congressistas nem levam a missão diplomática de firmar a paz, retalhando os Estados e distribuindo territórios, nem vão certamente «decretar» a cessação das hostilidades por meio da greve geral e da revolução.

Tratando dos «meios mais rápidos de terminar a actual guerra europeia», o Congresso só poderá aconselhar ao proletariado os meios de que eles dispõem, comprometendo-se cada congressista a trabalhar enérgicamente nesse sentido. E esses meios não podem ser senão todas as formas de acção directa e de agitação popular.

Para o povo produtor que pretende emancipar-se do jugo das castas que o exploram, oprimem e conduzem ao matadouro, a paz não deve ser uma escura combinação entre os abutres e entre os tubarões: há-de ser a afirmação constante e terminante da solidariedade internacional dos trabalhadores, em luta contra os seus inimigos internacionais, há-de ser a explosão ou o rugir ameaçador do espirito de revolta, fecundando o terreno dos descontentamentos da massa.

Que se poderá fazer nesse sentido?

A circular convocatória sugere a ideia duma boicotagem dos países beligerantes pelo operariado dos países neutrais: empreendimento esse que necessitaria do concurso de vários países, de modo a atingir igualmente todos os Estados em luta e que poderia talvez apoiar-se no interesse popular em impedir a exportação dos géneros de primeira necessidade. A ser possível, esse acto, ainda que fôsse incompleto, poderia ao menos ter o valor duma afirmação retumbante e dum protesto clamoroso.

Seja, porém, qual for o grau de praticabilidade de cada projecto, o que é preciso é fazer alguma coisa, é protestar o mais ruidosamente possível, sacudir uma inércia que pode parecer culplicidade; e o que é ainda preciso é ter confiança no esforço próprio, é não o anular de antemão com um scepticismo regelante de descrente ou despeitado.

A ordem do dia proposta insere em seguida esta questão: «nova orientação a seguir depois, para evitar

tais crimes de lesa humanidade».

A nosso ver, os acontecimentos demonstraram deslumbrantemente que essa orientação a seguir, para servir eficazmente a causa da emancipação social, só pode ser «nova» para os que arrastaram o proletariado para o pantano do parlamentarismo, do corporativismo estreito e exclusivamente reformista e do contraditório e enervante patriotismo socialista.

A presente guerra mostrou a evidência o absurdo e o perigo da distinção entre guerras «ofensivas» e «defensivas»—armadilha governamental em que caíram homens inteligentes, sinceros e bem intencionados e em que cairá sempre a grande massa, inteiramente ignorante dos mistérios da diplomacia e juguete fácil da imprensa que monopoliza a opinião. Nenhum movimento revolucionário sério se poderá jamais basear nessa distinção praticamente impossível; nem no ilusório e sempre fácil pretexto da defesa dum Estado democrático por meio da guerra, que traz sempre, vencida ou vitoriosa, as piores consequências para as liberdades populares, sobretudo se à guerra e seus fautores se não opõem ardentemente as forças de revolução e de progresso.

Quanto ao «desarmamento geral dos exércitos permanentes», aos quais estão presos tam poderosos e numerosos interesses, para o obter seria necessário um esforço tam grande como o da revolução social para abolir o Capitalismo e o Estado; e se esses subsistissem, embora com forma democrática e pseudo-federal, não haveria mais do que uma substituição: os exércitos de serviço forçado cederiam o lugar a milicias manobradas pelos governos, detentores das armas e dos comandos, e a fortes gendarmarias para uso interno, todas compostas de profissionais disciplinados e predispostos.

O caminho a seguir para o futuro é a acentuação da nossa acção anticapitalista e antiestatal, antipatriótica e antimilitarista, sem compromissos, nem equívocos, nem escapatórias.

E se o Congresso do Ferrol conseguir pelo menos uma afirmação ruidosa nesse sentido, que sirva também para neutralizar o efeito da atitude de certas individualidades, já terá desempenhado um papel importantíssimo. O mais urgente, nesta hora, é estabelecer e scindir responsabilidades.

O internacionalismo faliu? Não

Certos arrivistas burgueses, apreciando a conflagração europeia, afirmam que o internacionalismo faliu.

Para reforçar as suas asserções, escudam-se no facto do socialismo francês incitar os seus partidários a pegar em armas e deixar que representantes seus façam parte do ministério; no facto de Vandervelde, o fogoso agitador das massas para o sufrágio universal, estar ao lado do ministério composto de católicos e andar de braço dado com o rei Alberto, o rei socialista, como muita gente o diz.

Efectivamente, vistas as coisas de relance, para os que não estão habituados ao estudo profundo das coisas, parece que se devia dar razão aos graves arrivistas.

Mas não; o internacionalismo não faliu. O povo alemão, como o povo francês desejava no seu íntimo a paz, a felicidade de viver de bem com o seu semelhante. Mas uma corte de intrujões, estribando-se no perigo russo e no perigo alemão desviaram os sentimentos de solidariedade da maioria do trabalhador, encaminhando-a para a guerra, empurrando-o para a morte, devido a uma propaganda nefasta durante 50 anos.

O partido socialista alemão, logo após a guerra de 70, inscreveu no seu galhardete doirado o lema patriótico da preparação para a guerra, como uma coisa indispensável, necessária para a felicidade integra do proletário alemão. «Ah, nós devemos contar com a desforra de além Reno», diziam primeiro; e depois acrescentaram: «A desforra da França temos de juntar a ameaça russa». De maneira que o partido socialista alemão serviu sempre ás mil maravilhas a politica absorvente do kaiser, o seu sonho refulgente de dominar o mundo, de ser um Napoleão todo amoderado.

Os dirigentes desse partido foram uma excelente arma nas mãos da diplomacia burguesa. Os diplomatas anunciavam o enorme perigo preparado nas chancelarias; os chefes socialistas desciam ás massas a apregoa-lo, e a aconselhava-las a que não resistissem aos sacrificios pedidos pelos governos do kaiser. «São precisos muitos canhões e muito dinheiro; vós deveis contribuir para tudo isso».

E para amortecer as iniciativas, para amarfánhar as ideias revolucionárias, transformaram os sindicatos em associações de socorro mútuo, guiaram os trabalhadores para as cooperativas de consumo, fizeram d'elles um rebanho de carneiros, que se movia segundo as ordens da direcção central. Só tinham um dever: o de pagar e de votar; só tinham um direito: o de receber auxilio monetário, se fossem sócios, quando d'elles necessitassem os estatutos o permitissem.

No parlamento, os deputados socialistas votaram o orçamento da guerra, aumentando-o, porque era necessário. Obedecia essa tactica á boa diplomacia partidária; assim, diplomacia burguesa e diplomacia socialista completaram-se.

Com os socialistas franceses sucede o mesmo. «Sim—dizem eles—nós reconhecemos que devemos estar preparados para a invasão alemã, porque o triunfo d'esta é o aniquilamento da liberdade na Europa», justamente como os socialistas alemães dizem que uma vez a Rússia vitoriosa raiaria por sobre a cabeça dos europeus a mais desenfreada tirania militarista e autocrata. Da mesma maneira que os chefes so-

cialistas tudescos mantiam, de acordo com os diplomatas governamentais, ao povo germânico, os socialistas franceses intrujavam o povo francês. «Somos patriotas, desculparam-se por vezes nos momentos de arrufo e de desconfiança,—porque os nossos camaradas do outro lado do Reno nos forçam a sê-lo. Se eles collocaram acima do socialismo a sua qualidade de alemães, não podemos tambem deixar de reconhecer que primeiro que socialistas somos cidadãos franceses».

E zás! aconselha-se o povo a que aceite a guerra, porque batalhar contra a Rússia é defender a liberdade; e zás! aumentam-se os créditos de guerra, fecham-se os olhos á draconiana lei anti-militarista, a proposito da lei dos 3 anos; escala-se o poder; reprime-se violentamente a propaganda contra a guerra; consente-se que se exerça a mais vil das censuras; concorda-se que aos revolucionários se ameacem coma prisão está com a pena de morte; que aos católicos se dê a mais ampla liberdade de acção; e que a imprensa desafeta á guerra seja suprimida, entre ella um jornal socialista russo tirado em Paris, com a desculpa de que o ministro russo se mostrou descontente e que, por consequência, era preciso continuar amistosamente de acordo com a politica czarista e sustentar as boas e leais relações diplomáticas com a Rússia que, santo deus, actualmente tambem se enfileira ao lado dos liberais. Tudo isto para não deixar cair o progresso nem a liberdade!

Não foi, pois, o internacionalis-

Clemente Vieira dos Santos.

ENQUANTO DURA A CARNIFICINA

Já que por ora não podemos fazer coisa melhor, discutamos.

Mas discutamos serenamente, decentemente, sem suscitar infundadas suspeitas sobre os motivos dos contraditores. Discutindo assim, se não pudermos pôr-nos de accordo, conseguiremos pelo menos esclarecer a natureza e os limites do desacordo. E isso será útil para quando chegar o momento—que chegará certamente—em que será possível agir de modo eficaz e nos havemos de ver novamente unidos, no terreno de outros factos concretos, com muitos daquelles de que estamos hoje nitidamente separados na questão da guerra europeia.

E comecemos por eliminar os artificios polémicos e os vãos retóricos, que podem servir para confundir ou irritar as pessoas, mas nada demonstram.

Os revolucionários que julgam útil a participação na guerra em favor da aliança franco-anglo-russa prodigalizam-nos, a nós que, fiéis ás ideias e á tactica por nós defendidas antes da guerra, somos, não já neutrais, mas inimigos de ambas as partes beligerantes, os qualificativos de fôsseis, dogmáticos, dominicanos. Poderíamos responder tratando os outros de viracacas e ficarmos quietes. Quietes na capacidade de injuriar e quietes na falta de razões sérias; pois o facto de haver mudado ou não de opinião não basta para demonstrar que uma pessoa tenha ou não razão. Que diriam os nossos contraditores, que continuam a ser adversários irreductiveis do obscurantismo religioso, se lhes chamassem fôsseis e muçulmanos os que, desorientados pela guerra, sentiram em si referver o misticismo atávico, pondo-se a namoriscar com os padres?

mo revolucionário que faliu. O que faliu, ou que está para falir, foram os processos ridículos dos socialistas legalitarios; o que faliu, ou que está para falir, foi a diplomacia socialista adoptada no parlamento, manifestada nos pactos parlamentares entre as facções politicas e grupos governamentais; perfilhada nas intrevistas com os governos, com os reis e com os presidentes de república; exercida nos concluios de secretaria partidária e eutornada impudicamente sobre as almas ingénuas dos crentes.

O internacionalismo e as aspirações revolucionárias não faliram. Ha engano. O que faliu, ou que está para falir, foram as tristes e fúnebres personalidades que serviram implicitamente os desígnios da alta bolsa, do alto commercio, da alta industria e da alta politica; os que, durante anos e crimonosamente, iludiram as massas proletárias.

Nos países beligerantes reclama-se pão e paz; e a revolta germina em todos os espiritos, porque uma boa parte das pretensões e crimes diplomaticos vão-se revelando pela própria boca dos fomentadores da guerra, succedendo-se os tumultos.

E' atendendo a esta despertar de consciências, que se torna imperferível apontar ao povo enganado pela dura lição os seus falsos aduladores, aquelles que ajudaram a encobrir as verdadeiras causas da guerra.

E uma vez repellidos retumbantemente os falsos apóstolos da acção popular, succeda-se o rebustecimento revolucionário, e varemos então qual foi o internacionalismo que faliu.